

A OFICINA DE LEITURA E INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS: FUNDAMENTOS E EXPERIÊNCIA DE UM PROJETO DE EXTENSÃO DA UDESC.

Daniela de Cássia Yano

Mestre, Professora do Departamento de Ciências Humanas da Faculdade de Educação da UDESC. E-mail: danyano@yahoo.com.br

Daniele Rohr

Acadêmica do curso de Biblioteconomia - Gestão da Informação, da Faculdade de Educação da UDESC. E-mail: danielerohr0212@gmail.com

José Claudio Morelli Matos

Doutor, Professor do Departamento de Ciências Humanas da Faculdade de Educação da UDESC. E-mail: doutortodd@gmail.com

Resumo.

Este ensaio pretende tratar um dos aspectos do tema da leitura, segundo o qual a leitura é um exercício individual tanto quanto coletivo. Faz isso através do relato de um Projeto de Extensão em funcionamento na Universidade do Estado de Santa Catarina, intitulado Oficina de Leitura e Interpretação de Textos. A leitura é aqui entendida como a decifração, análise, explicitação de informações, conceitos, mensagem enfim, estruturados na forma de um discurso montado por meio de sinais gráficos. O projeto desenvolve-se desde 2006, na Faculdade de Educação da UDESC e realiza reuniões periódicas para a leitura e discussão de textos literários e teóricos de variados períodos e autores. O objetivo é o desenvolvimento de uma habilidade de leitura crítica mais aprofundada, que contribua na relação dos participantes com seu meio social, com a herança cultural a que têm acesso, e naturalmente em seu desempenho no processo de ensino-aprendizagem.

Palavras-chave.

Leitura, Extensão Universitária, Oficina, Interpretação.

Abstract.

This essay intends to treat one of the many aspects of the problem of reading, by which the act of reading is an individual exercise as much as a social one. It is done by the presentation of a University Extension Project in work in the Santa Catarina State University, called Workshop of Reading and Interpretation of Texts. Reading is here understood as analysis, explicitation of informations, concepts - message - structured in form of discourse built by means of graphic signals. The project has been developed

since 2006, in the UDESC's Education College and promotes periodic meetings for reading and discussion of literary and theoretical texts of various authors and periods. The aim of this project is the increasing of an ability of more profound and critic reading, that can make a part in the relation of the participants with their social environment, with the cultural heritage accessible to them, and naturally, an increasing in their performance in the teaching-learning process.

Key-words.

Reading, University Extension, Workshop, Interpretation.

1. Introdução.

A leitura é uma atividade com enorme significado individual e social. Para participar ativamente de um mundo cultural construído - em grande parte - pela linguagem escrita, uma relativa performance na leitura é imprescindível. O estudante, especialmente o estudante universitário, tem nos textos escritos o material a partir do qual desenvolver sua habilidade de exame, indagação e reflexão, a fim de modelar sua atitude na direção da obtenção dos seus objetivos.

Este ensaio pretende abordar um dos aspectos do vastíssimo tema da leitura. O aspecto segundo o qual a leitura é, em parte, um exercício individual, em parte um exercício coletivo (dialógico). Faz isso através do relato de um Projeto de Extensão em funcionamento na Universidade do Estado de Santa Catarina, intitulado Oficina de leitura e Interpretação de Textos. Espera-se que, além de noticiar e descrever uma atividade de extensão universitária da qual se tem colhido os mais positivos resultados, se possa, além disso, chamar a atenção para a necessidade de uma consideração mais atenta e cuidadosa, mais rigorosa cientificamente e mais profunda pedagogicamente, da questão da leitura.

O texto aqui apresentado tem algo do que foi dito no documento do próprio projeto, entretanto, como é um pensamento formulado a seis mãos, incorpora reflexões mais aprofundadas, resultantes da experiência de tratar a leitura, em sua concepção crítica, cognitiva e social, como objeto não somente de processos de ensino e pesquisa, mas sob a ótica integradora e democrática da Extensão Universitária.

2. Estabelecendo um sentido para o termo "leitura".

A leitura sempre suscitou interesse. Desde o espanto ingênuo dos antigos iletrados diante da capacidade mágica dos poucos leitores-escritas do passado, de traçarem a fala e depois poderem novamente falar e entender a partir do traçado, até as pesquisas recentes das ciências cognitivas. Para fins da argumentação, pode-se atualmente lançar mão de principalmente duas posições acerca do que seja a leitura. Elas não são idênticas, mas completam-se mutuamente. Uma concepção mais abrangente e uma concepção mais restrita têm, ambas, em comum o fato de que a leitura envolve tanto uma dimensão subjetiva e individual, como uma dimensão objetiva e social.

De um lado pode-se definir leitura como sendo um conjunto de atividades que resulta na atribuição de um significado ao objeto lido (SACCHI Jr, 1986). Dessa definição inferimos que ela não seria limitada a símbolos gráficos – letras e números – mas também abraçaria imagens, sons, fatos e tudo o mais que nos cerca. Disso resulta a expressão “ler o mundo”, que pode ser interpretada não apenas como a compreensão da realidade em si, mas também como a análise que fazemos dessa interpretação subjetiva das coisas. Devido a esse caráter “individual” da leitura, tem-se que ela é uma reconstrução do que está sendo lido. Assim, não lemos, para citar um exemplo, Shakespeare: lemos “nosso” Shakespeare. Os efeitos que as obras desse autor causam no leitor são particulares, únicos - as histórias e argumentações podem e costumam se apresentar diferentemente a cada pessoa que as leu.

Em contrapartida, não se pode ignorar que a leitura é um fenômeno social, refletido principalmente na comunicação que o indivíduo estabelece com o mundo. Essa comunicação pode se dar de duas maneiras: na forma de relacionamentos interpessoais propriamente ditos e na forma de intervenção, de mudança da realidade vigente. Pessoas instruídas tendem ao inconformismo, fazendo dele o estímulo necessário à ação que resolverá o impasse percebido. Mesmo a identificação de um problema poder ser resultante da prática de leitura, porque o discernimento não é uma qualidade inata do indivíduo, e tem por principal consequência o desvelamento da realidade.

Podemos, neste sentido, falar de leitura de textos escritos, mas ter em mente o horizonte vasto de atividades humanas, que envolvem uma capacidade similar de compreensão, decifração e posterior explicação de símbolos estruturados. “Se o conceito de leitura está geralmente restrito à decifração da escrita, sua aprendizagem, no entanto,

liga-se por tradição ao processo de formação global do indivíduo, à sua capacitação para o convívio e atuação social, política, econômica e cultural. Saber ler e escrever, já entre gregos e romanos, significava possuir as bases de uma educação adequada para a vida, educação essa que visava não só ao desenvolvimento das capacidades intelectuais e espirituais, como a das aptidões físicas, possibilitando ao cidadão integrar-se efetivamente à sociedade, no caso à classe dos senhores, dos homens livres” (Martins, 1994, p.22). Assim a perspectiva de um processo constante, continuado de aperfeiçoamento da capacidade de leitura, identifica-se com a perspectiva de um processo constante de aperfeiçoamento do indivíduo, para que ele possa viver mais intensamente sua vida particular e sua vida social, por meio do compartilhamento e vivência da bagagem cultural presente no texto.

Este aspecto mais profundo da leitura, como um processo de compreensão, de inter-relação com o texto, é o que justifica a afirmação de que a leitura é uma atividade que possui uma dimensão social, inter-subjetiva, coletiva, cultural, que é esquecida ou soterrada pelas noções e atividades costumeiras da vida cotidiana. “A maioria das pessoas se limita à leitura com fins eminentemente pragmáticos, mesmo suspeitando que ler significa inteirar-se do mundo, sendo também uma forma de conquistar autonomia, de deixar de ‘ler pelos olhos de outrem’” (Martins, 1994, p. 23). Ler é, neste sentido, participar de uma discussão, é ter interlocutores, é dialogar. Ao ler, por exemplo, um texto literário, o leitor participa da comunidade de todos os leitores que fizeram o mesmo percurso, que discutiram pontos semelhantes, que tiveram experiências semelhantes, que defrontaram-se com situações semelhantes.

Por outro lado, em condições normais, é pouco comum alguém parar e refletir acerca de seu desempenho acerca de como compreende e assimila o que lê. Segundo José Morais em *A Arte de Ler*, “como todas as artes cognitivas, a leitura, uma vez dominada é simples, imediata, e não demanda esforço aparente. A arte de ler é uma arte esquecida, interiorizada, relegada a operações automatizadas nas redes de neurônios inacessíveis” (Morais, 2001, p. 11). Mas ainda assim, ao utilizar o termo “leitura”, estamos nos referindo a uma classe ampla de realizações do aparelho cognitivo, ampla, no mínimo, por se referir a uma quantidade vasta de diferentes estruturas a serem decifradas: um cartaz, um bilhete, um poema, um romance, um artigo científico, uma argumentação na

defesa de uma tese, uma letra de música. Isto para nos concentrarmos exclusivamente no terreno do texto escrito. Este recorte é fundamental para não termos que dar conta de um território demasiado amplo de discussão. “Para compreender o que é leitura temos que evitar estender o campo de aplicação de nosso objeto de estudo [...] dessa maneira, na verdade, não se saberia mais o que exatamente se estuda. O próprio objeto de estudo se diluiria, perderia o que tem de específico, de intrinsecamente interessante” (Morais, 2001, p. 111). Por causa disso é possível, por outro lado, entender leitura como a decifração, análise, explicitação de informações, conceitos, mensagem enfim, estruturados na forma de um discurso montado por meio de sinais gráficos. Numa palavra: texto. Esta segunda posição, distingue-se daquela mais generalista, onde leitura é simplesmente compreensão, não importando de que tipo de suporte.

A leitura, independentemente da definição que considerarmos mais pertinente, é uma atividade complexa e precisa ser encarada dessa maneira. Durante o exercício de ler empregamos muitas competências: raciocínio lógico, bagagem cultural, capacidade de inferência e integridade intelectual, para mencionar as mais importantes. Existem muitas maneiras de ler e muitos tipos de leitura. A maior parte dessas classificações são fundamentadas na *profundidade* com que se analisa o texto. Leituras mais superficiais costumam ser automáticas, rápidas, feitas geralmente em ambientes pouco apropriados e dispensando ferramentas que ajudariam a elucidar o texto (dicionários, por exemplo). Por outro lado, leituras mais profundas tendem a levar mais tempo, a tratar criticamente o conteúdo apreendido, a priorizar ambientes apropriados e a consultar fontes de referência.

Tendo-se em mente essas duas medidas, é possível traçar uma escala de performance do leitor: quanto mais o leitor for capaz de reconstruir, em sua compreensão, o conceito, melhor a leitura é apreendida e, conseqüentemente, melhor tende a ser o proveito que se faz dela. O Projeto da Oficina de Leitura, pode-se adiantar, surge como uma tentativa de melhorar essa performance, uma vez que atingir maior profundidade é uma investida laboriosa, dificultada na leitura solitária. Ler com outras pessoas possibilita um intercâmbio de interpretações, um compartilhamento de idéias e ligações que dificilmente seria obtido individualmente. Apreende-se, se tudo der certo, a habilidade de *pensar em grupo*, de expor impressões, julgamentos e opiniões, e de receber

amistosamente os juízos alheios. A Oficina de Leitura surge num contexto em que o trabalho em equipe é essencial – seja na vida acadêmica, seja na vida profissional.

3. A leitura no contexto da educação.

No caso da educação, sobretudo a educação universitária, vê-se o quanto o ato de ler possui significação decisiva na aquisição de habilidades e conhecimentos, que capacitam os sujeitos ao exercício da cidadania, da profissão, e mesmo de suas potencialidades pessoais. Eliana Yunes indaga acerca disso: “Como a leitura, este portal extraordinário para um mundo novo, sendo a princípio tão sedutor, pode se transformar no pesadelo de muitos, vida afora? E não é esta a única consequência trágica da relação com a escrita: o bloqueio à leitura vai se delinear como um obstáculo mais sério a toda a aprendizagem qualificada, de tal modo que os problemas encontrados pelos estudantes - mesmo universitários - na compreensão e interpretação dos materiais de estudo, podem advir deste fracasso de origem remota” (Yunes, 2002, p. 15). Sem pretender aprofundar aqui a questão das origens e dificuldades relacionadas com a leitura e compreensão avançadas dos textos, o que se pretende afirmar é que a prática e exercício da leitura dialogada põem em movimento os dois aspectos pelos quais a performance de leitura se manifesta: o aspecto cognitivo e o aspecto social. Processar a informação e ser capaz de lidar com ela de modo autônomo e eficaz, e compartilhar esta informação com os outros por meio da comunicação. É isto o que se está entendendo por estes dois aspectos.

Quanto mais intensa é a compreensão daquilo que se está lendo, mais o processo pedagógico atinge o resultado de formar criticamente um novo comportamento ou uma nova estrutura conceitual. Isto vale tanto para os participantes do Projeto, tomados individualmente, como para os grupos de pessoas com as quais ele interage. Temas transversais às diversas disciplinas dos cursos, fontes de interesse mais particular, obras clássicas, ou questões que exemplificam e ilustram assuntos tratados nos processos de ensino podem - e de fato é conveniente que venham a - fazer parte das reuniões do Projeto.

4. Um olhar indagador sobre a performance dos leitores.

Analisar os hábitos de leitura de uma pessoa ou população é um empreendimento extremamente difícil. Não se consegue visualizar e avaliar o quanto o indivíduo compreendeu do texto. As estatísticas captam apenas valores superficiais - quantidade de livros comprados, vendidos e lidos - mas não retém a qualidade da leitura feita (qualidade esta entendida como apreensão do conteúdo lido). Além disso, há que se considerar se o hábito da leitura é espontâneo ou coercitivo, visto que estudantes universitários e de Ensino Médio afirmam serem íntimos dos livros, mas só o são porque disso depende sua formação, o término da carreira escolar. Tanto é significativa essa informação que há nas estatísticas um grupo denominado de "ex-leitores", em geral também "ex-estudantes" e "ex-acadêmicos" (BARKER, 1975).

A quantidade de material e a velocidade da leitura em percorrer este material têm por vezes sido confundidas com aquilo que se espera de um leitor hábil. Mas pretende-se defender que quantidade de material e velocidade ao percorrer o texto não são exatamente as qualidades que se espera desenvolver, ao falar da leitura crítica-analítica. De acordo com Leonor Lancastre “O processo de compreensão é o processo construtivo e dinâmico, fruto da atividade mental complexa por parte do leitor e não de um simples armazenamento de informação” (Lancastre, 2003, p. 45). Pode-se falar de um conjunto flexível de processos interativos onde intervêm diferentes níveis de processamento da informação. Esta leitura é dirigida pela ação intencional da capacidade de reconhecer e avaliar conceitos, movimentos de razões, intenções formadoras, recursos de estilo. “Partindo do pressuposto de que nada é gratuito num texto, tudo tem sentido, é fruto de uma intenção consciente ou inconsciente, importa - e muito - na leitura racional captarmos como se constrói esse sentido ou sentidos” (Martins, 1994, p. 74). Aqui não se está fazendo uma distinção ou estabelecendo preferência entre o texto teórico e o texto literário, supondo-se que ambos podem se prestar ao exercício pretendido e satisfazer o interesse da atividade, bem como o apetite individual dos diferentes leitores.

5. O Projeto de Extensão Oficina de Leitura.

No ano de 2006, a Faculdade de Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina, funcionava do seu prédio antigo, no centro de Florianópolis, onde estivera, sucedendo o Instituto Estadual de Educação, desde os anos sessenta. Funcionaram ali

quatro cursos de graduação: Pedagogia, Biblioteconomia, Geografia e História. Desde o primeiro semestre de 2006, um Grupo de Leitura tem se reunido na Faculdade de Educação, sob a iniciativa dos acadêmicos da - então - segunda fase do curso de Biblioteconomia, integrado também pelo professor José Claudio Morelli Matos e pela professora Daniela de Cássia Yano. Este grupo, que subsistiu por um ano em caráter informal, surgiu como se disse, por interesse e iniciativa dos próprios acadêmicos, que manifestaram a intenção de aprofundar e intensificar sua experiência e sua performance como leitores, voltando seu olhar para obras clássicas¹ da cultura universal. Desde agosto de 2007, as atividades deste grupo tem sido realizadas sob a forma de Projeto de Extensão Universitária, funcionando já no novo prédio da Faculdade de Educação, no Campus Um da Universidade, e também no espaço mais que adequado da Biblioteca Universitária.

Como alguém pode perceber pelas listas de presença passadas nas reuniões, ou pelo conteúdo veiculado na internet através do *blog*² do projeto, a Oficina volta-se para textos de reconhecido valor histórico, literário e conceitual. A escolha de textos tem sido realizada nas próprias reuniões, e os participantes têm feito as mais proveitosas sugestões neste sentido. Entre os textos lidos e discutidos poder-se-ia mencionar: *O Paraíso Perdido*, de John Milton (aliás o primeiro de todos os textos lidos na Oficina), *A Divina Comédia*, de Dante Alighieri, *Édipo Rei*, de Sófocles, *O Banquete*, de Platão, bem como os contos *A Biblioteca de Babel*, de Borges, *A Teoria do Medalhão*, de Machado de Assis, *A Terceira Margem do Rio*, de João Guimarães Rosa, e muitos outros.

A divulgação do projeto é realizada a cada semestre por meio do envio de mensagens por correio eletrônico a uma lista formada por acadêmicos e professores, sobretudo da faculdade de Educação, da fixação de cartazes, do espaço virtual do projeto na *internet*, e da confecção de um *folder*, distribuído aos interessados. Neste material de divulgação encontra-se uma breve descrição das atividades, respostas a questões mais freqüentes e o quadro de horários das sessões, conforme apresenta-se a seguir:

Oficina de Leitura e Interpretação de Textos.

- O que é?

¹ Sabemos como é complicado definir o termo “clássico”, mas aqui entende-se com ele tão somente o adjetivo dado a uma realização cultural de reconhecida relevância, qualidade e fama em sua área específica.

² www.oficinadeleitura.blogspot.com

Um projeto que realiza sessões semanais de leitura de obras teóricas e literárias consagradas por sua qualidade conceitual e/ou estética.

- A quem se destina?

Está aberto a todos os interessados, dispostos a participar de uma atividade de leitura aprofundada, crítica, dialogada, reflexiva, dos maiores textos de todos os tempos.

Aberta aos estudantes de toda a UDESC, e membros da comunidade em geral. Os estudantes podem aqui exercitar e aumentar sua performance de leitura, tornando-se leitores mais hábeis.

- Como participar?

Basta comparecer à uma reunião e se inscrever. As inscrições estão abertas todo o semestre, e o Projeto fornece certificado de participação, conforme a carga horária freqüentada.

Você pode freqüentar um mês, faltar outro, voltar a freqüentar. A carga horária total será somada e computada para a certificação.

- Que textos e assuntos são abordados?

A oficina destina-se a leitura em si, por isso não privilegia um ou outro tema, os próprios participantes escolhem os textos em comum acordo. Sugestões são sempre bem-vindas.

- Quando e onde acontecem as reuniões?

As sessões tem vários horários semanais, independentes entre si.

Os dois principais documentos utilizados na condução do projeto, fora a documentação estabelecida pela universidade, são a Lista de Presença, passada em todas as reuniões, com a finalidade de controlar a freqüência a fim de adequadamente fornecer a Certificação aos participantes, e a Ficha de Inscrição, que solicita dados como a ocupação, o endereço eletrônico, e sugestões de textos e autores.

Os participantes mais freqüentes da oficina são acadêmicos da UDESC, dos cursos de Biblioteconomia, Pedagogia e História, embora haja registros de alguns membros da comunidade, estudantes de outras universidades ou outros cursos da UDESC freqüentando as reuniões.

Cada semestre a oficina fornece certificação aos seus participantes, com a carga horária correspondente ao número de horas freqüentadas, independentemente dos horários. Assim, u participante pode freqüentar a leitura dos assuntos que mais lhe interessam, ou nos horários mais convenientes.

6. Métodos de condução e de avaliação do Projeto.

O método empregado para a consecução dos objetivos propostos pelo Projeto, é o da leitura dialogada e em grupo. A leitura que se espera realizar toma como material o texto, considerado como uma estrutura autônoma, como um conjunto de razões, de significados, de conceitos que pode ser explicado segundo sua própria ordem de razões e significados. Ou seja, se espera “ler o texto pelo texto”, como se costuma dizer, e não julgá-lo, pelo menos nesta atividade, somente a partir de conceitos externos, de circunstâncias históricas ou da biografia do autor. O texto, supõe-se, deve ser considerado suficiente para ocasionar sua compreensão e permitir que o leitor o analise, o explique a seus interlocutores, e pense a partir dele outras questões, temas e problemas que o interessem.

Uma vez escolhido o texto, segundo os interesses dos participantes da oficina, a leitura é realizada em conjunto, cada participante lendo um trecho, um parágrafo, um segmento. Num segundo momento este trecho é discutido e explicado em detalhe, cada participante sendo convidado a participar de sua análise com suas contribuições e questionamentos.

Significados de palavras, termos técnicos, estrutura das frases são explorados. Mas mais que isso, os objetivos do autor, os movimentos, a ordem de razões que ele articula, e finalmente o alcance, ou seja, o poder do texto de convencer, de provocar no leitor uma experiência de compreensão ou de complacência estética, de acordo com o que se supõe que fosse a intenção declarada do autor, manifesta na forma do texto. Então passa-se ao trecho, segmento ou parágrafo seguinte.

A velocidade da leitura, no momento da reunião, é regulada justamente por esta discussão, esta análise do texto. Perguntas que o oficinairo ou coordenador da reunião podem fazer e que auxiliam o leitor incipiente em sua atividade de explorar a explicação da estrutura do texto são, por exemplo, as seguintes:

- O que o autor está dizendo aqui neste segmento?
- Qual a principal idéia deste segmento?
- Por que o autor utiliza determinada expressão ou termo nesta passagem?
- Esta passagem ou expressão incitam que tipo de reflexão?
- Você concorda com o que está dito nesta passagem?

Claro que, diante do contexto específico de cada texto, a explicação de sua estrutura remete a outras inúmeras perguntas, e estas acima são apenas um exemplo muito geral e ínfimo daquilo que vem a constituir o procedimento de explicação. Na verdade os próprios leitores, durante a reunião, vão criando suas “ferramentas”, ou seja, vão imaginando e propondo questões ao texto e, dialogando com ele e os outros participantes, enriquecem, por sua própria iniciativa, sua experiência de leitores. O coordenador tem, assim, prioritariamente a função de organizar o debate, a sequência da leitura, e de manter o assunto focado na estrutura de razões e de conceitos propostos e estabelecidos pelo texto que está sendo lido e explicado.

Do ponto de vista da avaliação da atividade, pode-se dizer que um critério de medição quantitativa não é capaz de fornecer uma imagem satisfatória do desenvolvimento da habilidade de leitura crítica aqui pretendida. Espera-se que o leitor que participa da oficina torne-se capaz de identificar os principais movimentos de razões, de conceitos e de imagens presentes no texto, e que compõem a sua estrutura. Que seja capaz de representar sua experiência de leitura, sua compreensão detalhada do texto, na forma de um comentário articulado, claro, e em certos casos, capaz de estabelecer uma relação crítica, argumentativa, com as idéias apresentadas no texto. O leitor, consciente de sua experiência, identificador não só de conceitos e imagens isoladas, mas de um tecido, de uma urdidura, de uma intenção motivadora do sentido do texto, deve supostamente ser capaz de manifestar essa compreensão na forma do comportamento correlato da explicação. Explicar o texto é uma tarefa discursiva, no caso da leitura em grupo é uma tarefa dialógica, interativa. Este é o momento em que o oficinairo avalia os resultados da atividade, o momento, de fato, em que os participantes são capazes de contribuir para esta avaliação.

7. Considerações Finais.

Espera-se ter tido sucesso na tentativa de traçar para o leitor a fisionomia do Projeto Oficina de Leitura e Interpretação de Textos, na forma de um relato das atividades, e das bases conceituais e metodológicas sobre as quais ele está fundamentado. Acrescente-se ainda a estas reflexões dois pequenos comentários e com isso se pode considerar a pretensão humilde deste trabalho como cumprida.

O primeiro é que um dos motores de um projeto como este, é manifestar, na sua execução, uma renúncia a este espírito de imediatismo, de utilidade, de tecnicismo, de interesses unicamente práticos, tão epidemicamente constatado em nossa cultura. É do desejo de espaço, para que a inteligência do leitor atue livremente que surgiu este projeto. E a criatividade, a habilidade de propor novidade, explicação, idéia, não podem ter ocasião sem a liberdade. Uma liberdade que o leitor exerce ao lançar o seu olhar sobre o texto. Olha-o profundamente, olha-o inteiro e em suas menores partes, indaga-o, discute, concorda ou rejeita, mas sem fazer do texto um meio, sem perguntar para que serve, sem tomar atalhos. O texto assim entendido não é obstáculo, não é mero artefato, é uma ocasião de crescimento, celebrada na sua produtiva, enriquecedora e indispensável inutilidade.

O segundo é que, de certo modo, se pretende nada ensinar: nenhuma teoria, nenhuma crença, nenhum conteúdo. Não há postura científica nem filosófica predominante. Nenhuma destas grandes narrativas, ou grandes modelos teóricos. Todo o argumento é bem vindo, todo texto é examinado, todo interlocutor é ouvido e comentado. O exemplo mais legítimo do exercício democrático é este, de aceitar a ordem de razões do outro, e ver nas idéias, mesmo as antagônicas, ocasião de debate, exame, compreensão. A atitude humilde do leitor profundo, como se disse acima, não deve levar a partidarismos, a doutrinas, a pregações, pelo menos não - é o que se pretende defender - dentro do território em que se tem realizado as leituras das quais se tentou falar aqui.

Este projeto pretende continuar a realizar as suas reuniões, ampliando sua esfera de atuação, atingindo um público interessado maior, e incrementando a qualidade do seu trabalho, sempre como um empreendimento coletivo, e por isso sujeito a todas as vantagens e desvantagens de uma atividade de Extensão Universitária construída pelo diálogo, pelo desejo e pela discussão e comunicação críticas.

8. Referências:

BAJARD, Elie. *Ler e dizer: Compreensão e comunicação do texto escrito*. São Paulo: Cortez. 2001.

BAMBERGER, Richard. *Como incentivar o hábito de leitura*. São Paulo: Ática. 2004.

BARKER, Ronald; ESCARPIT, Robert. *A fome de ler*. Rio de Janeiro: Ed. da FGV: INL, 1975.

CAVALLO, Guglielmo & CHARTIER, Roger. *História da leitura no mundo ocidental*. São Paulo: Ática. 2002.

CHARTIER, Roger (Org.). *Práticas da leitura*. São Paulo: Estação Liberdade. 2001.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*. São Paulo: Ática. 1982. KLEIMAN, Ângela. *Oficina de leitura - Teoria & Prática*. Campinas: Pontes. 2002.

LAJOLO, Marisa & ZILBERMAN, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática. 2003.

LANCASTRE, Leonor. *Leitura: A compreensão de textos*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 2003.

MARTINS, Maria Helena. *O que é Leitura*. In: Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense. 1994.

MORAIS. *A Arte de Ler*. Lisboa: Edições 70. 2001.

SACCHI Jr., Nério. “O ato de ler como um processo de descoberta da realidade”. In: SILVA, Ezequiel T.. *O bibliotecário e a análise dos problemas de leitura*. Porto Alegre: Mercado Aberto; Campinas, SP: ALB, 1986.

SILVA, Ezequiel Teodoro. *O ato de ler: Fundamentos psicológicos para uma pedagogia da leitura*. São Paulo: Cortez. 1981.

YUNES, Eliana (Org.). *Pensar a leitura: Complexidade*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio. 2002.